

O DIABO	MAIS
TEMPO	TV-GUIA
O PAÍS	SETE
O JORNAL	ÉXITO
TAL & QUAL	A BOLA
EXPRESSO	GAZETA DOS DESPORTOS
SEMANÁRIO	RECORD
	OFF-SIDE

O Dia

7 NOV 1985

OPINIÃO

Ninguém sabe o que é o PRD

Fénix renascida ou cinzas do eanismo?

«Sem princípios, não é possível levantar as massas para uma acção duradoura».
Maurice Barrés, *Le Journal*, Outubro de 1899.

«Nacionalismo, é resolver cada assunto em relação à França. Mas, como proceder se não temos da França uma definição, ideia comum?»
Item, *Scènes et Doctrines du Nationalisme*

por Nuno Rogeiro

Alguém disse já que o «Eanismo» é um fenómeno político mais interessante do que o general Eanes *de per si*. Há muito de verdade no sugerido, desde logo porque se torna sintomático que uma República semipresidencialista, legatária de um discurso igualitário, antifascista e anticaudilhista, com o seu espírito positivado numa *Grundnorm* socializante, que fala, no Preâmbulo e nos Princípios Fundamentais, dos amanhãs cantantes da sociedade sem classes, com os seus líderes confundidos numa tecnoestrutura cinzenta ou numa classe dirigente muito lata, torna-se sintomático que um modelo assim viva agora o que os arquidemocratas consideram como «doença infantil do Regime», a saber a tentação bonapartista, ou pelo menos o clamor por um chefe forte, *Deus Ex Machina* de cara definida.

O 1.º EANISMO: THERMIDOR

Em boa verdade, o Eanismo de hoje não é já o Eanismo de 1976, altura em que o Presidente da República congrega o voto dos partidos do Thermidor

(desde os ultramontanos populistas do PSD aos jacobinos moderados do PS, passando pelo *royaume du marais* que era o Centro), instituído como uma espécie de ditador comissarial incumbido de limpar o Estado, a partir do topo, das sequelas maximalistas do PREC.

As famílias políticas desse bloco histórico não representavam, porém, um eleitorado sociologicamente e ideologicamente coeso. Todos sabiam, do CDS ao MRPP, do empresário espoliado ao *gaucho* de camisolão, aquilo que não queriam: nem MFA, nem Gonçalvismo, nem Campanhas de Dinamização, nem neo-realismo cubano na televisão (antes uma televisão alienante ou um *Big Brother*), nem PM de salto alto e G.3 de gatilho solto, no Rossio, nem Pereira de Moura a explicar às crianças e a contar o povo o que era o «fascismo».

Nenhum desejava esse regresso de pesadelos acordados, e Eanes era assim a face daquilo que, na hermenêutica e simbologia fundamentalistas, de esquerda se chamava a «Contra Revolução Silenciosa». Mas fo-



O SENTIDO DA VIDA — De criação tripartidária (1.º fase) Thermidoriana, a projecto mítico de rassemblement superpartidário (2.º fase), e a partido de boa consciência da esquerda, o PRD (3.º fase), vai um caminho que é a História, interrompida por sucessivas mortes e travessias do Deserto, do Eanismo. É uma vitória passar de grupo profético não-quantificável, dotado de uma aura salvífica (em cima, Moisés atravessa o Mar Vermelho) a grupo parlamentar quantificado, isolado nas presidenciais e nostalgicamente derrotado (eliminarmente) nas autárquicas (ao lado, «Homem cultura ambiental» de George Seagol)?

(depressa despertados para a realidade) e de «independentes partidários».

Esta Era, que vai do fim do Governo Constitucional Socialista até 1984, foi interrompida pelo interregno da AD e pela revelação (revolução) política chamada *Sá Carneiro*, que disputou a Eanes um projecto coe-rente de construção do Estado e ganhou a guerra, pelo menos até 4 de Dezembro de 1980. Desde a primeira morte política de Pintasilgo até Camarate vai o período de eclipse do Eanismo, pois o bem escasso que é o Poder tinha sido ocupado por Sá Carneiro, arquitecto de um bloco sociológico que fixou um espaço político próprio, inter e pluripartidário mas sobretudo suprapartidário. Hoje, exegetas oficiais do PRD interpretam o período como uma aliança táctica (tácita?) entre Eanes e Sá Carneiro, como que a recuperação a História através de distorções ópticas, à maneira dos imperadores Aztecas que mandavam reescrever o Passado.

De 1980 a 1984 vai a fase «quase-universal» do 2.º Eanismo, em que conselheiros de Belém chegam a hipnotizar-se perante as similitudes entre a situação de anarquia feudal nos partidos e o cenário que permitiu a segunda vinda de Gaulle, sobre os escombros da IV República. Este período durou até à formação do PRD, que representou a passagem do Eanismo da condição de mito à situação institucional, assim como o assentimento quanto à contabilização dos apoios presidenciais.

O 3.º EANISMO, OU PRD

Ainda aqui paira a obsessão pelas pontes com o Gaullismo: o PRD adopta uma designação ideologicamente «fraca», como acontecera com o R.P.F. e com a U.N.R. gaulesas; sublinha, a nível simbólico, os motivos de mudança dentro do sistema, de quase ascense política, mas não deixa de piscar o olho aos maximalismos, quer estes sejam o populismo simples (que procura Césares, é politicamente iconoclasta e hipercéptico quanto ao Regime) ou o fundamentalismo PRECiano, atraído a Eanes pe-

lo cheiro de mal menor, obstáculo ao «revanchismo», ao «restauracionismo», ao revisionismo Soarista do «espírito de Abril» e à ruptura defendida por certas forças ex-sistémicas.

Ideologicamente, e super-estruturalmente o Eanismo quantificado, ou 3.º Eanismo, ou PRD, não deixa de ser um corpo indefinido, onde não só faltam os princípios como abundam as ambiguidades. Salva-vidas de ex-barões partidários, Club de Pensée (passe o exagero) de pretorianos envelhecidos, recuperador do Terceiro-Mundismo do Grupo dos Nove, na versão fardada, albergue de ex-liberais do Antigo Regime e futuros conservadores do próximo, *locus classicus* de encontro de desclassificados de várias áreas, o PRD não cumpriu eleitoralmente, a sua quimera fundacional: partindo de um mundo complexo de fundadores, ficou aprisionado num continente simples de votantes. Partiu da heterogeneidade em busca da universalidade (leia-se, da recolha de votos em todas as áreas políticas), mas soçobrou na particularidade e na homogeneidade, ainda que confortável, do voto do «Povo de Esquerda» (PS + uma pequena fracção APU).

Não me parece por isso estulta a análise segundo a qual o PRD representou um retrocesso no projecto unionista de Eanes: quantificando a área sociológica do general, reduziu o Eanismo a mais uma tribo esquerdista, espécie de rabuloso monstro mítico feito com os pés e o tronco do PS, as mãos da APU e a face da ex-CNARPE.

Daqui se pode perguntar se o 3.º Eanismo, ou PRD, é uma Fénix renascida (depois das três mortes políticas de Eanes, a da era A.D., a derivada do novo *make-up* constitucional, e a apressada pelo fim do mandato e pela ascensão de Cavaco Silva como novo pólo do sistema) ou a lenta redução do Eanismo a cinzas. É bem possível que o episódio Costa Brás e a anunciada *blague* Salgado Zenha tenham algo a ver com a resposta. Ou talvez não.

ra desse mínimo denominador comum ninguém se punha de acordo quanto à Cidade Futura. Daí que houvesse apenas duas soluções, típicas da clarificação em partidos de tipo *rassemblement* (com fraca intensidade programática e forte miscigenação ideológica, política e social):

a) Ou um dos grupos «basistas» se erguia da massa e recolhia força para afirmação de um projecto positivado, com hipóteses de triunfo (esse o papel da AD);

b) Ou o Presidente da República, aglutinador mínimo mas visível de um conjunto heteróclito, agia como a criatura que se liberta do criador (neste caso o bloco compósito CDS-PSD-PS), e ousava tomar a liderança de um caminho próprio.

O 2.º EANISMO: TRIUNFO COM VÁCUOS

Três anos de domínio minoritário socialista, que repetiu os elementos patológicos da I República (com Mário Soares a desempenhar o papel de Afonso Costa: impossível o Regime sobreviver com ele, e sem ele), e de sucessivos governos de iniciativa presidencial, inviabilizados quando se tratava de tentar mudanças estruturais e espirituais (caso Mota Pinto), ou arquiconservadores apesar dos voos poéticos proporcionaram a Eanes reinar sem governar (i.e., representar olímpicamente o Estado sem ter de sujar as mãos na política corrente, vivendo no mundo como se estivesse fora dele), e construir um 2.º «Eanismo», feito de desiludidos políticos, de desiludidos *tout court*, de maximalistas de Abril reciclados, mas também de presidencialistas não ocasionais

O DIABO		MAIS	
TEMPO		TV-GUIA	
O PAÍS		SETE	
O JORNAL		ÊXITO	
TAL & QUAL		A BOLA	
EXPRESSO		GAZETA DOS DESPORTOS	
SEMANÁRIO		RECORD	
		OFF-SIDE	
<i>O Dia</i>	<i>-7 NOV 1985</i>		

Fénix renascida ou cintas do eanismo

Continuação da pág. 2

O PARALELO GAULLISTA

De 1980-1984, o 2.º fôlego Eanista comparava-se à situação do «Gaullismo Universal», descrita por Jean Touchard: «Uns eram Gaullistas desde 1940, outros desde 1942, outros ainda desde 1944, outros desde

a época do R.P.F., outros desde Maio de 1958 e outros desde Setembro. Alguns eram Gaullistas porque sempre o tinham sido; mas alguns, que o eram desde o início da guerra, tinham cessado de o ser durante o R.P.F. e não regressaram depois do Maio de 1958. Ardentes Gaullistas do mês de Maio ti-

nham sido ardentemente anti-Gaullistas quinze anos antes. A maior parte contava que o general desse prestígio à França, mas uns eram Gaullistas porque esperavam uma solução liberal para o drama argelino, e os outros porque aguardavam a garantia do «statu quo»; alguns votaram «sim» por causa da anunciada política africana, outros fizeram no sepe de essa política; alguns esperavam que o general domesticasse os comunistas, outros queriam que reconciliasse os franceses. Gaullismo liberal e Gaullismo conservador; Gaullismo de sempre, Gaullismo da véspera e Gaullismo de amanhã; Gaullismo sentimental, Gaullismo de razão,

Gaullismo táctico, Gaullismo de resignação; Gaullismo do General de Gaulle, Gaullismo de companheiros e Gaullismo dos «outors»... «(in L'Établissement de la V.e République, obra colectiva, Paris 1960, Prefácio, pág. XXII).

Há quem veja aqui fotografado mais do que o 2.º Eanismo de 1980-1984, o Spinolismo de 1974-1975. Em todo o caso, retrata-se uma situação de apelo universal acima de qualquer comunhão de princípios. Com o despertar numérico-parlamentar do PRD, o Eanismo perdeu essa comunhão mística, e não ganhou, em troca, um programa. Podem os profetas discernir nisto uma vitória?

Fundação Cuid